

INDICADORES DE SAÚDE AMBIENTAL PARA MICRORREGIÕES DO RIO GRANDE DO SUL

Alexandre Luiz Schäffer¹

Iara Denise Endruweit Battisti²

A importância da relação saúde e ambiente é discutida por alguns autores, os quais afirmam que as modificações ambientais influenciam diretamente sobre a qualidade de vida das pessoas. Em razão disto, problemas ambientais, devem ser objeto de atuação do poder público e da sociedade como um todo. Um indicador de saúde ambiental pode ser definido como uma medida que sintetiza, em termos facilmente compreensíveis e relevantes, alguns aspectos da relação existente entre a saúde e o ambiente. Assim, o objetivo foi identificar e aplicar indicadores de saúde ambiental nas microrregiões do RS, para composição de uma base de indicadores, utilizando a metodologia Força Motriz - Pressão - Situação - Exposição - Efeito – Ação (FPSEEA). Os procedimentos metodológicos contemplaram a atualização da literatura; estudo da metodologia FPSEEA; identificação dos indicadores de saúde ambiental para as microrregiões, definidas pelos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDEs); coleta de dados nos sistemas de informação – ATLAS BRASIL e DATASUS para 2010; cálculo e organização dos indicadores; e, análise estatística dos indicadores. Como resultados têm-se os seguintes indicadores de saúde ambiental selecionados para o modelo FPSEEA: na componente Força Motriz: PIB *per capita* (A1), porcentagem pessoas vulneráveis à pobreza (A2) e porcentagem pessoas acima de 18 anos desocupadas (A3); na componente Pressão: ausência rede de esgoto (B1) e ausência coleta de resíduo sólido na área urbana (B2); na componente Situação: porcentagem famílias sem atendimento com rede de água (C1) e porcentagem população com banheiro e água encanada (C2); na componente Exposição: porcentagem famílias sem tratamento de água (D1), porcentagem população com abastecimento de água e esgotamento sanitário inadequados (D2) e porcentagem famílias sem coleta e com disposição inadequada de resíduo sólido (D3); e, na componente Efeito: taxa morbidade por doenças infecciosas e parasitárias até 4 anos (E1), taxa morbidade por doenças infecciosas e parasitárias (E2) e taxa mortalidade por doenças infecciosas e parasitárias (E3). Com base no quadro de escalas com tons de cinza, elaborado para classificar os indicadores (tons mais claros representam melhores indicadores e tons mais escuros indicam piores indicadores), elaborou-se um quadro de cores para os indicadores que compõem o modelo FPSEEA aplicados às microrregiões. Assim, verificou-se que os COREDEs que apresentam os piores resultados nos indicadores analisados para 2010 foram Médio Alto Uruguai, Vale do Rio Pardo, Celeiro e Missões. O Médio Alto Uruguai teve 9 (69,2%) indicadores classificados como força negativa de intensidade máxima. Vale do Rio Pardo, Celeiro e Missões,

¹ Acadêmico do curso de Engenharia Ambiental, *campus* Cerro Largo, UFFS, bolsista de iniciação científica /Edital nº 141/UFFS/2014 BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PROBIC/FAPERGS – 2014/2015. alexandreluiz1992@hotmail.com

² Professora Adjunta, doutora em Epidemiologia, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Cerro Largo. iara.battisti@uffs.edu.br

apresentaram 7 (53,8%) dos 13 indicadores analisados na força de intensidade negativa máxima. O COREDE Hortênsias apresentou os melhores resultados, em que além de não apresentar indicador de intensidade negativa máxima, teve apenas 1 (7,7%) de intensidade moderada. Ainda, os COREDEs Paranhana Encosta da Serra e Vale do Caí não apresentaram indicador de intensidade negativa máxima e apenas 2 (15,4%) e 3 (23,1%) indicadores de intensidade moderada, respectivamente. Conclui-se, considerando os indicadores avaliados para 2010, no modelo FPSEEA, que as melhores condições localizam-se na faixa leste do estado do RS e as piores condições encontram-se na região noroeste do RS.

Palavras-chave: COREDE. Epidemiologia ambiental. FPSEEA. Indicador de saúde. Indicador ambiental.